

A Cidade e as Serras enquanto peça radiofónica: a semântica de uma paisagem sonora

Filomena Borges (ESCS-IPL)
e Filipa Subtil (ESCS-IPL)

Dos três meios de comunicação tradicionais, a rádio apresenta-se como aquele em que a investigação académica é quantitativamente menos significativa. Esta constatação é verdadeira para o panorama nacional, mas também internacional. As análises denotam uma maior preponderância para o aprofundamento de estudos relativos à informação que é veiculada pelo meio radiofónico, mas pouco interesse tem existido para a questão da relação criativa implicada entre o ouvinte e o som. A presente comunicação tem como principal objectivo destacar o poder da sonoplastia no desencadear de uma multiplicidade de significações. Desta forma, pretende-se explorar a estética sonora de uma reportagem radiofónica sem nunca esquecer o modo como o som complementa a palavra falada. Para tal, analisar-se-á a peça A Cidade e as Serras, da autoria de João Paulo Guerra, construída com base no último romance de Eça de Queirós. Ao nível sonoro, o enfoque desta apresentação privilegiará não só o modo como a riqueza da prosa queirosiana foi reproduzida na reportagem radiofónica de João Paulo Guerra, mas também os métodos utilizados pelo sonoplasta para “pintar” a reportagem de acordo com as paisagens sonoras potenciadas pela obra original.

A afetividade na comunicação radiofónica: do processo de produção de rádio à intimidade da relação locutor/ ouvinte

Teresa Costa Alves (CECS-UM)

Esta comunicação pretende explorar as funções sociais da rádio enquanto produtora de sentido emotivo, relacionando-as com a construção de uma ligação afetiva entre o locutor e o ouvinte. Esta análise procura relacionar a presença da intimidade vivida pelo profissional de rádio dentro de um estúdio, aqui designada por “intra-intimidade”, com o carácter afetivo da relação locutor/ouvinte. Pretende-se também explorar as características específicas da rádio na representação do binómio espaço público-esfera privada, tendo por base o trabalho realizado no estúdio de rádio, espaço ao qual o processo de produção de rádio se encontra confinado. A construção de um ambiente de intimidade entre locutor e ouvinte parece começar no estúdio de rádio. Os elementos que constituem o essencial da comunicação radiofónica, como a música, os efeitos sonoros, o timbre de voz, o sotaque e a natureza dos conteúdos abordados ganham profundidade emotiva no próprio acto de produção do discurso radiofónico, num processo de simbiose entre as dimensões de intimidade e de intra-intimidade, ocorridas de dentro para fora, isto é, do estúdio de rádio para o plano da radiodifusão. A intimidade entre emissor e receptor no processo de comunicação radiofónica assume assim três papéis distintos. Em primeiro lugar, trata-se da consequência natural de um estilo de comunicação muito sujeito à emoção. Em segundo lugar, é um objectivo último do locutor de rádio, já que o envolvimento do público é uma das estratégias mais utilizadas em rádio para fidelizar o ouvinte e assim potenciar as audiências. Por fim, a afetividade, tal como qual outra emoção, é interpretativa, isto é, está sujeita à ressignificação individual de cada ouvinte de rádio segundo os seus próprios frames culturais e estrutura cognitiva. Nesta abordagem ao tema é almejado o aprofundamento desta dimensão emotiva da rádio, universal e transversalmente ao meio em si, como uma das armas mais presentes da sua autenticidade, destacando-se assim dos restantes meios de comunicação.